

Introdução

Paulo Ribeiro Cunha

Como citar: CUNHA, Paulo Ribeiro. *In*: CUNHA, Paulo Ribeiro. **O Campesinato, a teoria da organização e a questão agrária**: apontamentos para uma reflexão. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 13-16. DOI: <https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7743-197-7.p13-16>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Introdução

No presente livro, propomos o resgate de uma abordagem e um diálogo crítico que não é de todo original, mas tem por objetivo apontar alguns elementos sobre a teoria da organização que possibilitaram (ou não) a superação de vários *nós górdios*¹ sobre a temática; e, com ele, apreender a inserção do campesinato, particularmente em face de sua complexidade no contexto histórico. Mas não somente. Esses apontamentos – em larga medida introdutórios – têm por objetivo o resgate e a interlocução desse enfoque com o debate político e teórico dos clássicos marxistas, tendo entre eles autores brasileiros, bem como sua práxis. Muitos deles, intelectuais identificados a uma interpretação sobre a realidade brasileira que expressaria uma leitura quase osmótica das teses da Terceira Internacional – IC (relacionadas e criticadas por setores acadêmicos e políticos), ao preço, de suas contribuições teóricas terem sido, inclusive, relegadas a um segundo plano ou simplesmente ignoradas pelos contemporâneos, embora nos últimos tempos haja uma reavaliação em curso de suas obras. Qualquer que tenha sido essa influência em suas trajetórias, não obstante, podemos perceber ousadia de enfoque e originalidade em muitos desses trabalhos, até porque se inserem no desafio de uma tradição marxista que nem sempre se espelhou em Marx, particularmente em razão de dois pressupostos: a teoria e a intervenção política.

Contemporaneamente, o desafio que se apresenta é igualmente enorme. Com efeito, dentre os pensadores marxistas que incorporam essa reflexão, fica evidente que o referencial teórico proposto tem como eixo as particularidades do campo social

¹ Essa expressão refere-se a um antigo oráculo persa situado no Templo de Górdio, em que aquele que conseguisse desatar o intrincado nó do carro conservado em seu interior dominaria a Ásia. Alexandre, o Grande, cortou o nó com a espada, cumprindo ou iludindo o vaticínio. Utiliza-se a metáfora como analogia aos desafios teóricos do presente.

envolvente. Por essa razão, se a proposta deste livro visa apontar subsídios para a superação de algumas *verdades históricas*, objetiva também – no que toca à totalidade e suas particularidades em seu eixo de análise na virada do século 21 – verificar a possibilidade de serem incorporadas nesse debate e na agenda política nacional no quesito reforma agrária e campesinato.

Porém, o caráter da obra de Marx (e sua tradição) apresenta muitas dificuldades; seja pelas variações decorrentes de sua concepção teórica, seja pela maneira como essas vicissitudes refletiram ou nortearam o debate brasileiro. É importante ressaltar alguns aspectos principais nessa concepção, ou seja, o objeto de Marx é a história, sobretudo a história da sociedade burguesa e em particular a sua crítica, que está presente em toda sua obra. Como bem chama atenção José Paulo Netto², ela objetiva o conhecimento que possibilitaria instrumentalizar todos os seus sucessores no sentido de superá-la em uma teoria social que propusesse resgatar o movimento do ser social; e, nessa linha de análise, seu término ocorreria somente com o fim da ordem burguesa.

Todavia, há outros aspectos. A abordagem marxista igualmente nos proporciona uma reflexão diferenciada dos paradigmas teóricos contemporâneos, especialmente quanto ao materialismo histórico, já que tem por princípio maior a inserção e a interferência sobre o fato social. Esse pressuposto, ressalta Netto³, não ocorre somente no nível das ideias, mas principalmente no delineamento de estratégias de intervenção social, como reflexo e subsídios das lutas operárias e camponesas dos séculos 19 e 20 até os nossos dias. Propunha (e propõe) uma compreensão nova da sociedade; uma nova concepção teórica que objetiva mediar a ação e a inteligência.

Nesse sentido, as características básicas e norteadoras do pensamento de Marx – a práxis, bem como as demais decorrentes da análise histórica, a totalidade, a negatividade e a

² Refiro-me a esses apontamentos desenvolvidos no curso de pós-graduação “O método em Marx”, na PUC/SP em 1992, que muito contribuiu para a elaboração dessa reflexão, bem como alguns destes ensaios.

³ O método em Marx, PUC/SP em 1992.

mediação – se apresentam, no desafio histórico proposto, tendo por resultado e objetivo delinear elementos de uma teoria objetivada. Em outras palavras, a própria concepção de história é compreendida a partir de sua dinâmica, bem como de sua essência. Como diria Marx, “Não é a consciência que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência”.⁴ Ou seja, são os homens que fazem a história, e são eles os autores de sua história; mas a partir de condições históricas cujo critério determinante está no desenvolvimento das forças produtivas.

Ao final, um dado a mais chama atenção: todos os intelectuais que fazem parte dessa interlocução foram teóricos, mas também militantes, por isso estruturamos este livro em duas partes. A primeira refere-se a quatro ensaios sobre a teoria da organização e o campesinato em um diálogo com clássicos marxistas, tendo como centralidade textos selecionados de Marx, Engels, Lenin, Gramsci e Mao Tse-tung. Procuo, particularmente, nesse diálogo, que não se apresenta isolado de uma reflexão com outros interlocutores contemporâneos, situar o campesinato e o desafio de sua apreensão no processo histórico. No conjunto, salvo um dos ensaios, o último (uma versão foi publicada na *Revista Antítese*), os demais são originais e se apresentam à reflexão em face do desafio dessa problemática na virada do século 21, especialmente face ao caráter inconcluso da questão agrária.

A segunda parte enfoca o pensamento social brasileiro e versa sobre autores marxistas que dialogaram com a temática agrária. Há nela um ensaio sobre feudalismo em Nelson Werneck Sodré (um tanto embrionário, mas recolocando algumas questões), que foi inicialmente publicado em dois artigos no jornal *A Nova Democracia*, sendo revisto para esta edição; outro, ainda inédito, sobre um livro de 1934 de Leôncio Basbaum, *A caminho da revolução operário-camponesa*, que objetiva o resgate (quase osmótico) e a

⁴ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Prefácio a *Crítica da economia política*. São Paulo: Ed. Sociais, 1977, p. 301. (Textos).

apresentação ao leitor de uma pouco conhecida e muito original reflexão sobre a questão agrária no processo revolucionário nos anos 1930; já o terceiro trata-se da reedição de um texto publicado originalmente na *Revista Novos Rumos*, sobre o clássico de Octávio Brandão *Agrarismo e industrialismo*. Ao final, incorpora-se ao conjunto a reedição de um ensaio no qual apresento ao leitor aspectos introdutórios da luta dos posseiros de Formoso e Trombas – o mais longo e organizado movimento camponês da história do Brasil – e a intervenção nesse processo do Partido Comunista Brasileiro (PCB), publicado originalmente na *Revista do AEL/Unicamp*. Recentemente, a versão – dissertação de mestrado – foi revista e editada em livro. Há, inclusive, um debate em curso sobre esse movimento camponês, e uma retomada de trabalhos e pesquisas com teses e dissertações – a maioria, se não todas, citadas na bibliografia. Vale ainda registrar que todos esses ensaios sofreram revisões, alguns deles seguidos de atualização bibliográfica, mas são fundamentalmente os mesmos originais publicados, sem alterações quanto ao conteúdo e à forma.

Gostaria de registrar meus agradecimentos (sempre com o risco de imperdoáveis omissões) inicialmente à Editora Expressão Popular, bem como a Mariângela Fujita, Diretora da FFC, que tornaram possível esta edição. Agradeço também aos amigos da Oficina Universitária presentes no apoio a esta coedição, em especial a Antonio Carlos Mazzeo; e aos funcionários da Unesp de Marília – particularmente a Edevaldo e Rosângela – sem os quais nosso trabalho não seria possível. Gostaria ainda que ficasse registrado o meu reconhecimento a Vera Chaia e Elide Rugai Bastos, orientadoras que, em fases diferenciadas, contribuíram para esse resultado entre outros na minha trajetória acadêmica.